



UFPB

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS

GABRIELA GOMES DOS SANTOS

**TEORIA DA POLIDEZ E ESTRATÉGIAS DE PRESERVAÇÃO DAS FACES:
UMA ANÁLISE EM ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN**

JOÃO PESSOA
2017

Publicação na Fonte.
Universidade Federal da Paraíba.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Santos, Gabriela Gomes dos.

Teoria da polidez e estratégias de preservação das faces: uma análise em orgulho e preconceito, de Jane Austen / Gabriela Gomes dos Santos. - João Pessoa, 2017.

48 f.

Monografia (Graduação em Letras / Inglês) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS

GABRIELA GOMES DOS SANTOS

**TEORIA DA POLIDEZ E ESTRATÉGIAS DE PRESERVAÇÃO DAS FACES:
UMA ANÁLISE EM ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras – habilitação em Língua Inglesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Barbara Cabral Ferreira.

JOÃO PESSOA

2017

Sou Grata
Ao Verbo que Liberta
A Palavra que Salva
A poesia que dá Asas
A Linguagem que traz Vida à Vida

AGRADECIMENTOS

Ao Inominável, Indizível, Todo-Amor, Luz Pura, Imanente/Transcendente, que por falta de palavras insisto em chamar de Deus, ofereço o meu nada, pois diante Dele o melhor que podemos ser é o vazio, para que Ele seja em nós.

Aos dois seres humanos, pai e mãe, que foram canal para minha vinda à esta terra, cedendo material genético para a formação do meu corpo físico, suas personalidades para a construção da minha e suas experiências de vida que foram comigo compartilhadas.

Aos colegas de PIBID que foram tão importantes no início de minha formação docente. À professora Angélica Maia que acompanhou mais de perto esta fase. Agradecimento especial à João Paulo que me socorreu algumas vezes com os planos de aula, mesmo eu não tendo aceitado suas sugestões, serviu para me ajudar a tentar :D (valeu, boy!).

Aos professores dos quais tive a honra de ser aluna ao longo desta graduação.

Nota de agradecimento especial à orientadora: Por ter me aceitado como orientanda, apoiado, incentivado, tido paciência. Você me ensinou muito!

Todo este período da minha vida, a graduação, foi concomitante à muitas experiências que me fizeram crescer e me descobrir como ser humano. Sempre lembrarei.

Quero ressaltar que a escrita do TCC poderia ter sido como uma atividade acadêmica comum. Seria, para mim, se minha vida não fosse vivida tão intensa internamente. O processo de elaboração deste trabalho ajudou-me muito no processo de autoconhecimento, aguçando percepções acerca do funcionamento da minha mente e me forçando a lidar com questões próprias a esta. O processo também se tornou um quase épico, símbolo de uma fase da minha vida à qual eu não queria dizer adeus. Mas vida é caminho, temos que seguir, pois o tempo não pára, a vida nos empurra e querendo ou não você finalmente se desprende igual a fruta que quando está madura cai da árvore.

Sou grata por ter cursado Letras, foram anos lindos e profundos no conhecimento da Linguagem, da Literatura, Poesia, Educação e Vida em Si!

Grata à Vida por mais uma etapa cumprida!

O ser tem dois lados, o exterior e o interior. O exterior pode ser público, mas o interior não. Se você tornar o interior público, perderá sua alma, perderá sua face original. Então, viverá como se não tivesse ser interior.

Osho

GABRIELA GOMES DOS SANTOS

**TEORIA DA POLIDEZ E ESTRATÉGIAS DE PRESERVAÇÃO DAS FACES:
UMA ANÁLISE EM ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN**

Trabalho apresentado à Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras – habilitação em Língua Inglesa.

APROVADO EM: 07 de Junho de 2017

BANCA EXAMINADORA

Barbara Cabral Ferreria

Prof^a. Dr^a. Bárbara Cabral Ferreria – UFPB (Orientadora)

Barthyra Cabral Vieira de Andrade

Prof^a. Me^a. Barthyra Cabral Vieira de Andrade – UFPB (Examinadora)

Jailine Mayara S. de Farias

Prof^a. Me^a. Jailine Mayara Sousa de Farias – UFPB (Examinadora)

RESUMO

Este trabalho traz uma análise de trechos da obra literária *Orgulho e preconceito*, de autoria de Jane Austen, à luz da teoria da polidez. Temos com a análise o objetivo de observar o uso ou quebra das estratégias de polidez, desenvolvidas na teoria, verificando principalmente o que o uso ou quebra destas estratégias pode nos revelar sobre os personagens, sua situação social e os conflitos enfrentados por eles. Para tal propósito apresentamos a Teoria da polidez ao leitor deste trabalho, teoria esta desenvolvida no campo da Pragmática, tendo destaque os autores Penelope Brown e Stephen Levinson (1987), a qual trazemos de acordo com os seguintes estudiosos: Joan Cutting (2008); George Yule (1996); Anne O’Keeffe, Brian Clancy e Svenja Adolphs (2011). Iniciamos nosso trabalho de forma mais ampla trazendo um breve relato dos estudos em linguagem, passando pela conceituação de Pragmática e o conceito adotado neste trabalho, definimos modelos de contextos e falamos da importância deste na área da Pragmática. Para tal, realizamos uma extensa pesquisa bibliográfica nas áreas citadas, cujos autores serão apresentados logo mais na introdução. A análise qualitativa interpretativista dos trechos propostos observou um padrão de comportamento apresentado pelos personagens, a saber, a protagonista feminina, personagem que aparece em situações delicadas e frente à pessoas que estavam em status social considerado superior ao dela, na maioria das vezes usa as estratégias de polidez. Os personagens masculinos e que estão em situação de maior prestígio social, fazem menos ou nenhum uso dessas estratégias. Veremos no trabalho a implicação dessas afirmações.

Palavras-chave: Pragmática; Teoria da Polidez; Estratégias de preservação das faces; *Orgulho e preconceito*.

ABSTRACT

This work brings an analysis of excerpt from the literary work *Pride and prejudice*, of authorship of Jane Austen, in light of Politeness theory. We have, with the analysis the aim of observe the use or breach of these strategies of politeness, developed in the theory, verifying mainly what this use or breach of these strategies can reveal about the characters, their social situation and the conflicts faced by them. For this purpose we presented the politeness theory to our reader. Developed in the Pragmatic field, it has prominence the authors Penelope Brown and Stephen Levinson (1987). We bring them according to the following scholars: Joan Cutting (2008); George Yule (1996); Anne O’Keeffe, Brian Clancy e Svenja Adolphs (2011). We started our work in a wide way bringing a brief report of studies in language, passing by the concepts of Pragmatics and the concept adopted in this work, we define models of contexts and we discourse about its importance in the Pragmatics. For this, it was realized an extensive bibliographic research in the areas mentioned above, whose the authors is going to be introduced soon in our introduction. The qualitative and interpretative analysis from the excerpts proposed observed that there is standard in the behavior presented by the characters, namely, in the female protagonist, character who appears in delicate situations and face to people who were in a social status considered higher to her, in the most of time use the Politeness strategies. The male characters, who are in a greater social prestige situation, do less or any of these strategies. We are going to see in the work the implication of these affirmations.

Keywords: Pragmatics; Politeness; Face works; *Pride and Prejudice*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 A PRAGMÁTICA E A TEORIA DA POLIDEZ	11
1.1 BREVE PERCURSO HISTÓRICO DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS	11
1.2 A PRAGMÁTICA	14
1.2.1 <i>O contexto na pragmática</i>	17
1.3 A TEORIA DA POLIDEZ E O CONCEITO DE FACE	20
1.3.1 <i>Estratégias de preservação das faces</i>	23
2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	
2.1 O CORPUS: SOBRE A AUTORA E A OBRA.....	28
2.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DO TRABALHO	29
3 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ EM DIÁLOGOS DO LIVRO ORGULHO E PRECONCEITO DE JANE AUSTEN	31
3.1 CENA 01 – O PEDIDO DE CASAMENTO DE MR. COLLINS À ELIZABETH... 31	
3.2 CENA 02 – MR. BENNET INTERFERE NA APRESENTAÇÃO DE SUA FILHA MARY	35
3.3 CENA 03 – O PEDIDO DE CASAMENTO DE MR. DARCY À ELIZABETH.....	35
3.4 CENA 04 – LADY CATHERINE VISITA ELIZABETH.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu do desejo de aprofundar raízes nos campos da pragmática e em seus vários ramos de atuação, em especial, a Teoria da Polidez, após o contato com a disciplina de estudos pragmáticos no curso de graduação em Letras-Inglês. A ideia de trabalhar analisando a obra de Jane Austen, a saber, *Orgulho e preconceito*, vem principalmente do contato com a autora, que surpreende pela profundidade de sua escrita, no que diz respeito à sensibilidade quanto as questões humanas e sociais expostas nos diálogos dos personagens. Tendo em vista que a Teoria da Polidez também busca analisar e compreender como se dão as relações humanas, vemos, portanto, em *Orgulho e preconceito* uma fonte de material a ser estudado mais detalhadamente e com sensibilidade.

Este trabalho se destaca por ser uma análise de uma obra literária à luz de uma teoria da Pragmática, promovendo assim uma interdisciplinaridade entre as áreas de literatura e estudos em linguagem, além de ser uma fonte para quem desejar conhecer mais sobre a teoria da polidez e as estratégias de polidez.

É um privilégio e, ao mesmo tempo, um desafio trabalhar com uma obra tão aclamada, pois o que dizer quando já há tantos estudiosos que trabalham com esta obra? Se realizarmos uma busca por trabalhos prévios com a obra encontraremos vários estudos na área da literatura, nas questões estilísticas, feministas, diversas adaptações fílmicas e, no que diz respeito à linguística, principalmente os estudos sobre ironia, mas nada relacionado à Teoria da Polidez, sendo esta causa uma das principais motivações para a escrita deste trabalho.

Em segundo lugar, a obra merece um olhar aproximado, portanto uma análise, pois há fatores sociológicos sempre ressaltada na obra, e com as classes sociais, que parecem ser tão bem delimitadas, como a fortuna, a importância do casamento para as mulheres, entre outros. Será que essas questões implicam na maneira de agir com outro e, conseqüentemente, se revelariam através das escolhas linguísticas dos personagens? A análise também propõe observar essa questão.

Para o corpus da análise, utilizamos a obra literária *Orgulho e Preconceito* (originalmente *Pride and Prejudice*), de autoria de Jane Austen, publicada pela primeira vez em 1813, em língua inglesa. Trabalhamos aqui com a tradução de Lúcio Cardoso, edição de 1982, da Editora Abril.

Analisamos trechos de alguns diálogos do romance à luz da teoria aqui apresentada, buscando uma interpretação qualitativa dos dados. Pretendemos, com isso, reconhecer quais as situações de uso das estratégias de preservação de face, por quais personagens elas são mais utilizadas ou menos utilizadas e, ainda, quais fatores que podem interferir no uso ou não-uso da polidez positiva e negativa.

O presente trabalho deu-se através de uma pesquisa bibliográfica na área dos estudos linguísticos, vendo um pouco de seu percurso histórico. Para tal, foi utilizada, principalmente, a obra do Maurice Leroy (1971). Para os estudos Pragmáticos em si, bem como a Teoria da Polidez aqui apresentada, serviram de fontes autores como Joan Cutting (2008); George Yule (1996), Anne O’Keeffe, Brian Clancy e Svenja Adolphs (2011). Para os conceitos de faces (positiva e negativa) utilizamos, além desses mesmos autores aqui citados, o próprio Erving Goffman (1967, 1980, 1975) e Dominique Maingueneau (1996), que também auxiliou na análise.

O corpo do nosso trabalho está organizado em três seções, a saber, na primeira seção, temos um breve relato histórico dos estudos na área da linguagem humana, seguido da apresentação dos conceitos de Pragmática, logo após temos conceituações de contexto, definição de face (GOFFMAN, 1967, 1975, 1980) e as estratégias de polidez. Na segunda seção, tecemos algumas considerações metodológicas para o desenvolvimento do trabalho e o *corpus* escolhido e, na última seção, apresentamos nossa análise. Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências consultadas.

1 A PRAGMÁTICA E A TEORIA DA POLIDEZ

Neste capítulo, abordaremos a teoria da polidez, identificando seu campo de estudo, o percurso dos estudos em linguagem e as bases teóricas da teoria da polidez. Para melhor situá-la no universo dos estudos da linguagem, abordaremos alguns aspectos importantes na construção da sua trajetória, tais como as teorias prévias nas quais os autores da teoria da polidez se basearam, alguns conceitos básicos como a própria concepção de polidez e as estratégias de preservação das faces, segundo Brown e Levinson (1987), tendo como referência para tal, autores como Joan Cutting (2008); George Yule (1996); Anne O’Keeffe, Brian Clancy e Svenja Adolphs (2011). Utilizaremos também outros autores que serão citados ao longo do trabalho.

1.1 BREVE PERCURSO HISTÓRICO DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

A Pragmática está situada no campo dos estudos linguísticos. Sendo a linguística a ciência que estuda a linguagem humana e os fenômenos que ocorrem através dessa, os estudos nessa área se dão através da análise empírica da linguagem, interessando-se pelo uso da linguagem em si. Isso implica dizer que a Pragmática está interessada na observação de determinados aspectos relevantes nas interações através da língua, e não na estrutura da língua, como na gramática, morfologia e sintaxe, por exemplo.

No século XVI, quando os europeus chegaram à Índia descobriram o Sânscrito e sua Gramática. A partir de estudos na gramática sânscrita, perceberam semelhanças com as línguas europeias de raízes nórdicas e germânicas. Iniciou-se aí uma febre de pesquisas etimológicas, estudos e publicações de gramáticas comparadas, que duraria aproximadamente os três séculos seguintes. Por exemplo, em 1767, Coeurdoux, um jesuíta francês que se estabelecera em Pondichéry, observou numa nota à *Academia das Inscrições*, semelhanças entre o sânscrito, o latim e o grego, mas essa nota foi publicada apenas 40 anos mais tarde, como nos afirma Leroy (1971).

Podemos citar, também, a obra *Ueber die Sprache und Weisheit der Inder*, de Frederico Schlegel, publicada em 1808, fruto de seus estudos em Paris, na Escola Nacional das Línguas Orientais Vivas, criada em 1795. Nessa obra, lê-se, pela primeira vez, o conceito *Vergleichende Grammatik*, gramática comparativa, e também traz informações inteiramente novas acerca da genealogia da linguagem (LEROY, 1971, p. 32). Os gramáticos tentaram, a partir das semelhanças entre o sânscrito e as línguas modernas, encontrar uma raiz comum a todas as línguas europeias conhecidas, criar uma espécie de “árvore genealógica” para descobrir se vieram da mesma língua.

Ainda segundo Leroy (1971), a partir dessa época surgiram os primeiros comparatistas, estudiosos da língua que comparavam as gramáticas e o vocabulário de diferentes idiomas, tendo como principais precursores Franz Bopp, Rasmus Rask, Jacob Grimm e outros. Esses foram vistos com maus olhos pelos filólogos, que acusavam os gramáticos de não dar às obras clássicas o devido respeito que um clássico merece, pois pegavam dialetos escandinavos, lituânios, entre outros, e comparavam-nos com a linguagem das obras consideradas clássicas, para fazerem seus estudos comparatistas e etimológicos.

Até aqui podemos observar que esses estudos se dão em textos clássicos, tendo a estrutura da língua, sua organização interna, etimologia, gramática como foco principal de seus interesses. Vemos, assim, a língua como um esqueleto, que sustenta um corpo, mas que estudada dessa forma (sem seus falantes) parece um corpo sem vida, como sensivelmente nos diz Leroy (1971, p. 42).

Mas este é o momento de afirmar, uma vez mais, que a linguística é a ciência de homens e não da natureza e que as ciências humanas não se deixam reduzir a tais esquemas rigorosamente compartimentados, aos belos quadros sinóticos que nossos colegas das ciências exatas podem construir com uma segurança que invejamos.

Assim, os estudos com as línguas seguiram principalmente focados ainda na estrutura, como dito anteriormente. Em 1916 é publicado o *Curso de Linguística Geral*, que inaugura a ciência que conhecemos por Linguística, ou a Linguística Moderna, pois como nos afirma Leroy (1971, p. 6), “não é sem razão que se considera por vezes sua publicação como a certidão de nascimento da Linguística Moderna”. Veremos a seguir o porquê de sua importância.

Em 1878, o jovem Ferdinand de Saussure lançou sua primeira obra, *Memoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (Memória do sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias), na qual fez um amplo estudo fonético das vogais do indo-europeu e do indo-iraniano. Anos mais tarde, Saussure é chamado para lecionar a cadeira de “história e comparação de línguas indo-europeias” na universidade de Genebra. Em seguida, nos anos de 1907, 1908-1909, e 1910-1911, ministrou três cursos de linguística nessa mesma universidade. Após sua morte em 1913, dois amigos seus, Charles Bally e Alberty Sechehaye, se empreenderam na delicada tarefa de pesquisar entre alunos de Saussure e fazer uma compilação de suas aulas através de anotações nos cadernos de seus alunos. Portanto, ele mesmo não escreveu essa obra, mas foi postumamente lançada, sendo fruto desses cursos que ministrou.

A principal contribuição de Ferdinand de Saussure foi organizar de forma sistemática as noções, teorias e classificações sobre a arbitrariedade do signo, a linearidade do significante, a dualidade língua e fala, o valor distintivo dos elementos da linguagem, a antinomia sincronia/diacronia e finalmente a definição do objeto da linguística.

Algumas dessas definições já haviam sido especuladas, mas foi de extrema importância a sistematização das mesmas, conforme vemos em Leroy (1971, p. 79)

É verdade que estas definições em sua maioria, haviam sido entrevistadas antes dele, e isso desde a Antiguidade, mas tais ideias, que estavam latentes e como que informes, Saussure teve o mérito excepcional de exprimi-las com clareza, preferindo recorrer a uma apresentação binária, e apresentá-las em fórmulas bem cunhadas, de aspecto por vezes paradoxal ou excessivo (nelas se reconhece o estilo de ensino oral) e, sobretudo, de integrá-las num sistema coerente.

Foi a partir dessa estruturação das teorias sobre a língua e a linguagem humana, feita por Saussure, que a Linguística passou a ser diferenciada das demais ciências que já trabalhavam com a língua. Ela passou a ser organizada de maneira autônoma, possuindo um campo semântico próprio e com padrões de observação, tornando-se, portanto, reconhecida como ciência, cujo objeto de estudo é a própria linguagem humana. Podemos dizer, então, que esses são os principais aspectos que diferenciaram a Linguística das demais áreas que também trabalhavam com a linguagem, tais como a Retórica, a Filologia, a Gramática, a Filosofia da Linguagem.

Vemos, então que, após a publicação do *Curso Geral de Linguística*, os estudiosos começaram a buscar teorias gerais sobre a linguagem em si. A publicação dessa obra causou, no mínimo, um desconforto, instigando os estudiosos a darem seu melhor, despertando-os para um novo horizonte nos estudos da linguagem humana.

Com a difusão dos estudos da linguagem e seus sucessivos debates, surgiu a necessidade e o interesse de se estudar a língua em seu contexto. Como havia o conceito de *langue* e *parole*, distinguidos por Saussure, respectivamente, língua e fala, sendo a *fala individual*, que cada um de nós utiliza, e a *língua coletiva*, falada pelo indivíduo, mas na sua coletividade, sociedade, inicialmente, os linguistas fixaram seus estudos na *langue*, estudando a língua em textos, utilizando-se de vocabulário contido nos clássicos.

Com o passar do tempo, alguns estudiosos foram voltando seus interesses para estudar a linguagem utilizada no cotidiano. Depois dos estudos na língua serem consolidados, começaram a surgir “problemas” que ficavam mal resolvidos e que acabavam indo parar na “lata do lixo”, por não poderem ter uma resolução exata para tais, como queriam os linguistas. Esses “problemas sem solução” que os linguistas não se interessavam, despertaram o interesse de outros estudiosos. Surge daí o ramo de estudo, ligado à linguística, que hoje chamamos de Pragmática e também o porquê da Pragmática ser definida muitas vezes como “a lata do lixo da linguística”. (Cf. YULE, 1996, p. 4)

1.2 A PRAGMÁTICA

A definição de Pragmática é algo muito controverso e que tem sido reformulada e debatida há décadas. De acordo com Thomas (2013, p.18), a definição usada em meados da década de 1980, quando os estudos em Pragmática se tornaram proeminentes no meio linguístico, era a de *significado em uso* ou *significado em contexto*. O mesmo autor explica que essa definição tornou-se muito abrangente, resultando em generalização.

Dentre os vários conceitos de Pragmática, há uma classificação, geralmente atribuída ao filósofo Charles Morris (1983 *apud* O'KEEFFE *et al*, 2011. p. 1), que classificou a pragmática entre essas três áreas nos estudos da linguagem: Sintaxe, Semântica, e Pragmática.

A Sintaxe é o estudo da estrutura interna do enunciado, se existe a coesão, por exemplo, se o enunciado faz sentido gramaticalmente na língua estudada. Podemos citar como exemplo a frase “Ela é uma garota bonita”, em inglês seria “She is a beautiful girl”. Nos casos citados, garota é o substantivo e bonita o adjetivo. Na estrutura interna da língua inglesa se disséssemos “She is a girl beautiful” poderíamos até mesmo ser compreendidos, mas soaria muito estranho, pois na língua citada o adjetivo vem antes do substantivo.

A Semântica é o estudo de como uma afirmação se relaciona em seu sentido mais amplo, em que o enunciado implica. Temos um exemplo muito comum que é a frase “João ama Maria” e “Maria ama João”. Ambas estão corretas do ponto de vista da sintaxe, pois têm um sujeito ativo, um verbo e um sujeito passivo (ou objeto). Do ponto de vista da semântica, muda a questão da interpretação, ou seja, dizer que João ama Maria não é a mesma coisa que dizer Maria ama João, pois já implicaria dizer que Maria e João são sujeitos diferentes.

Dentre as três, a pragmática é única que traz a análise tendo em vista os falantes, como afirma Yule (1996, p. 4, tradução nossa) “Pragmática é o estudo da relação entre forma linguística e os usuários dessas formas. Nesta distinção tripartida, apenas pragmática permite que humanos entrem na análise”¹

Percebemos, então, que a Pragmática estuda a língua do ponto de vista dos falantes e é esta a perspectiva que abordamos nesse trabalho sem, contudo, negar a existência e importância das outras classificações. Sabendo que muitas vezes a compreensão de um enunciado não está limitada à decodificação das palavras, pois como diz Yule (1996, p. 3, tradução nossa).

Pragmática está preocupada com o estudo do significado como comunicado por um falante (ou escritor) e interpretado por um ouvinte (ou leitor). Tem a ver, conseqüentemente, mais com a análise do que as pessoas querem dizer por suas afirmações do que o que as palavras e as frases em suas afirmações podem dizer por elas mesmas. Pragmática é o estudo do significado do falante.²

¹ Pragmatics is the study of relationships between linguistics forms and the users of those forms. In this tree-part distinction, only pragmatics allows humans into the analysis.

² Pragmatics is concerned with the study of meaning as communicated by a speaker (or writer) and interpreted by a listener (or reader). It has, consequently, more to do with the analysis of what people mean by their utterances than what the words or phrases in those utterances might mean by themselves. Pragmatics is the study of speaker meaning.

Portanto, assim como há a classificação (distinção) feita por Saussure, que estuda a *langue* e a *parole*, uma não negando a existência da outra, pois ambas são aspectos da linguagem, neste trabalho, temos como foco os Estudos Pragmáticos para uma interpretação que vai além do dito, sem, contudo, negar a importância dos aspectos mais estruturais da língua.

Ainda na definição de Pragmática, temos como referência o que Yule (1996, p. 4, tradução nossa) fala acerca dos estudos pragmáticos:

A vantagem de estudar da língua via Pragmática é que podemos falar sobre significados pretendidos pelas pessoas, suas afirmações, seus propósitos ou objetivos, e tipos de ação (por exemplo, requisitar) que eles estão performatizando quando falam.³

Portanto, a Pragmática não está presa a um “significado em si”, não vai focar apenas no que foi dito, mas analisa o que foi dito para avaliar o que está em seu entorno, como lemos em Thomas (1995, p. 183, tradução nossa) “A pragmática não é sobre significado, é sobre construção de significado, é sobre significado em potencial, mostrando como as pessoas negociam significados na interação.”⁴

Dentre as várias definições que podemos ter da Pragmática, temos em comum que todas trabalham com a linguagem humana, que avaliam o que foi dito e o que não foi dito e que as interpretações são dadas a partir da análise feita baseada na situação dos interactantes, ou seja, no contexto.

Ainda com relação ao conceito de Pragmática, podemos citar David Crystal (1985, p. 240 *apud* O’KEEFFE *et al*, 2011, p. 29, tradução nossa), que diz:

A Pragmática é o estudo da língua do ponto de vista dos usuários, especialmente das escolhas que eles fazem, as contenções que eles encontram no uso da linguagem em interações sociais e os efeitos que seu uso da linguagem tem nos outros participantes no ato da comunicação.⁵

³ The advantage of studying language via pragmatics is that one can talk about people’s intended meanings, their assumptions, their purposes or goals, and the kinds of actions (for example, requests) that they are performing when they speak.

⁴ Pragmatics is not about meaning, it is about making meaning, about meaning potential, showing how people negotiate meaning in interaction.

⁵ Pragmatics is the study of language from the point of view of users, especially of the choices they make, the constraints they encounter in using language in social interaction and the effects their use of language has on other participants in the act of communication.

A partir das definições aqui mencionadas, podemos concluir que a Pragmática é o estudo da linguagem humana que busca entender o que foi dito e o que não foi dito, levando em consideração o falante, seu contexto, suas escolhas e como tudo isso se relaciona com a questão social, isto é, como o falante está relacionado com o todo que o cerca.

A partir do momento que estudamos a língua e a fala, e como somos indivíduos que convivem em sociedade, não há como distanciar o falante de seu contexto. Por isso, na próxima subseção, buscaremos uma definição do que é contexto para a Pragmática.

1.2.1 O contexto na pragmática

A criatividade humana, quando expressa na língua, traz-nos diferentes possibilidades de significados e interpretações para uma mesma palavra. A beleza e o poder que podem ser performatizados em uma discussão são componentes encantadores da linguagem que podem ser observados desde uma simples conversa, a um debate político ou filosófico, numa canção, num poema, num jornal.

Podemos observar as questões de vocabulário, contexto, registros em diferentes situações em nosso cotidiano, bastando observarmos um pouco nosso próprio comportamento. A forma como falamos com amigos numa festa é a mesma com a qual falamos com um chefe ou um funcionário? A maneira como conversarmos com nossos familiares em casa é a mesma com a qual falamos numa reunião de trabalho ou numa apresentação acadêmica ou escolar? A maneira como nos expressamos assistindo a um jogo de futebol é a mesma com a qual nos expressamos numa celebração religiosa?

Assim como a roupa que usamos muda de acordo com a ocasião, também temos diferentes registros de fala para diferentes ocasiões. As situações citadas nos revelam um pouco do que é o contexto.

Podemos dizer que contexto é todo o conjunto de referências e informações que envolvem aqueles que estão agindo na situação. Podemos citar como informações necessárias para o entendimento do todo na situação perguntas que podemos fazer para entender melhor o que está acontecendo, tais como, quem disse? para quem o disse? onde disse? e esse “onde” pode se referir a um lugar geográfico específico ou o lugar social do qual a pessoa fala, ou a época na qual foi

dito (lugar histórico). Todas essas questões são importantes para que se possa interpretar de maneira mais clara possível o que o falante quis dizer. À medida que temos mais informações sobre o que está acontecendo, mais claro fica o que se “quis dizer” com as afirmações. Por exemplo, na mensagem: *Venha aqui em casa. Estou sozinho (a) agora.*

O que temos explícito é que um convite foi feito e que a pessoa está sozinha em casa no momento da fala. Podemos conjecturar fatores motivadores para esta ação, tais como:

- a) A pessoa está convidando a outra para sua casa porque tem medo de ficar sozinho (a) em casa (pode ser à noite, por exemplo).
- b) A pessoa está convidando alguém pelo qual mantém um interesse e está querendo aproveitar o ambiente reservado para tentar algo.
- c) A pessoa sabe que o outro interactante é tímido (a) e ficaria com vergonha em ir visitá-lo (a) se mais alguém estivesse em casa.
- d) A pessoa vai fazer algo ilícito, portanto, precisa ser naquele momento para que não haja testemunhas.

Se tivéssemos acesso a mais algumas informações sobre as condições na qual essa mensagem foi enviada, poderíamos entender melhor o que está ocorrendo. Como a Pragmática parte do ponto de vista das interações e não apenas de entender o que foi dito, é importante analisarmos o caso como um todo. O contexto expande as possibilidades de interpretação ao mesmo tempo em que também nos impõe um limite.

Teun Van Dijk traz em seu livro *Discurso e Contexto* uma série de pressupostos sobre contexto que utilizaremos para nortear nosso trabalho. Primeiramente, vale ressaltar a importância do contexto (ou sua função) para a Pragmática. Sobre isto, Teun Van Dijk nos diz que

A função fundamental dos modelos de contexto é garantir que os participantes possam produzir textos ou falas *adequados* na situação comunicativa presente e que possam compreender a adequação dos textos ou falas dos outros (FETZER, 2004; VAN DIJK, 1977, 1981). Nesse sentido, uma teoria do contexto vem a ser um dos objetivos de uma abordagem *pragmática* do discurso. Ela explica como os usuários da língua adaptam sua interação discursiva aos ‘entornos’ socioculturais e cognitivos do momento. Uma teoria com estas características também torna explícitas as condições de fidelidades usuais dos atos ilocucionários e as condições de adequação, a polidez e outras dimensões de interação (Austin, 1962; Searle, 1969) Portanto, uma teoria explícita do contexto também proporciona uma sólida base para várias abordagens em Pragmática. (VAN DIJK, 2012, p. 37)

Nas muitas asserções de contexto tecidas por ele, temos que os contextos **são constructos subjetivos dos participantes**, ou seja, mesmo que haja as causas/influências sociais em determinadas ocasiões, essas só são possíveis porque a sociedade é constituída por indivíduos e só é possível porque há uma interpretação subjetiva de quem está interagindo neste meio.

Também temos que os contextos **são experiências únicas**, porque são vividos de maneira única por cada indivíduo. Por isso, sempre haverá diferentes opiniões, perspectivas, relatos de cada sujeito, mesmo que tendo participado do mesmo evento. E também, nos afirma o autor que, “contextos únicos também condicionam maneiras únicas de usar a linguagem, ou seja, discursos únicos” (VAN DIJK, 2012, p. 34). Dessa maneira, vemos opiniões diferentes sobre um mesmo fato, por serem subproduto de cada participante, pois cada um interpretará de uma maneira. O autor também nos afirma que **os contextos são modelos mentais**, por conterem memórias autobiográficas dos participantes.

Ainda, levando em consideração a premissa de que contextos são modelos mentais, envolvendo também o participante, e que esses, por sua vez, criam contextos **modelos de experiência**. Essas categorizações são criadas para simplificar as experiências da vida cotidiana. O autor nos fala, então, que “esses modelos dinâmicos controlam toda a percepção e interação em progresso e consistem em categorias básicas, como o Ambiente espaço-temporal, os participantes e suas variadas identidades, os eventos ou ações em curso, bem como o(s) objetivo(s) válido(s) no momento” (VAN DIJK, 2012, p. 35).

Segundo o curso desses modelos de experiência é que se diz que os contextos de modelos de experiência são **esquemáticos**, pois a própria mente age por categorizar o seu entorno e são convencionais, compartilhadas e têm base cultural, sem a qual os participantes não se entenderiam. (Cf. VAN DIJK, 2012).

Ainda segundo mesmo autor, os **contextos têm base social**. Como citado anteriormente, os contextos são subjetivos, pois cada um o sentirá de uma forma; são experiências únicas, logo, variam a cada momento de acordo com a percepção do participante. Cada participante terá sua gama de experiências que resultará em esquemas mentais. Essa esquematização, todavia, não se dará de forma isolada. Portanto, o mesmo autor diz que “os contextos são ao mesmo tempo pessoais e

sociais – como é também o caso dos discursos que eles controlam” (VAN DIJK, 2012, p. 36). Os contextos são também **dinâmicos**, pois

são construídos para cada situação significativa nova e, em seguida, atualizadas e adaptadas tendo em vista (a interpretação subjetiva das) restrições presentes da situação, incluindo o discurso e a interação imediatamente precedente. (VAN DIJK 2012. p, 36)

Para concluirmos com essas definições de contextos, percebemos que todas estão completamente interligadas uma as outras. Os contextos, por sua vez, estão completamente ligados aos sujeitos, aos falantes. Percebemos que o processo de contextualização começa no sujeito e parte para o exterior, parte do individual para o coletivo. Por esse caminho, ele passa pela mente dos usuários, por seus modelos e padronizações mentais, que também são formadas e compartilhadas num grupo, sendo dinâmico; ele pode mudar a qualquer momento, o que faz com que os indivíduos tenham que estar sempre atentos, buscando sensivelmente se adaptar.

1.3 A TEORIA DA POLIDEZ E O CONCEITO DE *FACE*

Neste item, abordaremos questões gerais de fundamental importância para a compreensão da teoria da polidez. Definiremos os conceitos de Polidez, de Face e veremos as estratégias de preservação dessas faces.

A Teoria da Polidez foi desenvolvida pelos autores Penelope Brown e Stephen Levinson na década de 1980. Eles basearam-se em teorias prévias para a elaboração desta, entre as quais podemos citar Goffman (1967) e seus estudos, que resultaram na concepção de face, e Grice (1975, *apud* O'KEEFFE *et al* 2011, p. 60) com as máximas conversacionais e a Teoria das Implicaturas.

Temos como elemento estruturante da Teoria da Polidez o conceito de face, sendo classificada em face positiva e negativa, e as estratégias de preservação dessas faces, pois a face pode ser mantida, perdida ou enaltecida, como veremos mais adiante em nosso trabalho.

A teoria da polidez tem como foco analisar se os interactantes cooperam entre si na comunicação e, mais do que isso, ela analisa como jogam com as faces.

No senso comum, muitas vezes a palavra polidez é vista como sinônimo de educação, bom comportamento, uma pessoa “polida” é sinônimo de pessoa “bem educada”. Na área da Pragmática, a polidez trata das interações, factualmente, das escolhas linguísticas feitas pelo falante com o objetivo de não destratar ou de manter a imagem que o outro quer passar (Cf. CUTTING, 2008).

Em diálogos, quando se discutem assuntos polêmicos, por exemplo, e os falantes desejam “manter o nível” da discussão, não destratando os outros participantes, são feitas escolhas linguísticas para que não ocorra o desrespeito ao outro. Podemos, através da observação, verificar esse comportamento de forma espontânea no cotidiano.

Há algumas diferenças que devem ser observadas. Não é polidez quando simplesmente há uma “obrigação” maior naquele contexto social que pede que o tratamento seja de certa distinção, acepção. Por exemplo, tratar o papa por Vossa Santidade não é ser polido, é tratar como já está pré-estabelecido por ele ser uma autoridade religiosa. Assim como tratar um juiz de direito por Vossa Excelência ou bater continência diante de um superior no exército é parte do protocolo. (Cf. CUTTING, 2008)

De acordo com O’Keeffe *et al* (2011, p. 59, tradução nossa), Brown e Levinson definem Polidez como um “sistema complexo para suavizar um comportamento de ameaça de face” e também “vêm a polidez como um fenômeno que pode ser codificado, permitindo desta forma que o linguista possa mensurar polidez quantitativamente”⁶

Joan Cutting, em seu livro *Pragmatics and discourse* (Pragmática e discurso), afirma que “A Polidez é um fenômeno pragmático. A Polidez não repousa na forma ou nas palavras em si, mas em sua função e significado social pretendido”⁷ (CUTTING, 2008, p. 49, tradução nossa). Vemos, então, que polidez não é simplesmente dizer “por favor,” “com licença”, ou “obrigada”, mas, indo além disso, é ser sensível, percebendo o momento, a face do outro.

O autor Erving Goffman desenvolveu uma série de trabalhos acerca das representações sociais. Podemos citar como exemplo a obra *A representação do eu*

⁶ Brown and Levinson define politeness as a complex system for softening face-threatening behavior. They view politeness as a phenomenon that can be codified, thereby enabling the linguist to measure politeness quantitatively.

⁷ Politeness is a pragmatic phenomenon. Politeness lies not in the form and the words themselves, but in their function and intended social meaning.

na vida cotidiana (1975), que trata justamente de como cada um de nós constroi sua identidade de maneira social, de acordo com as situações vivenciadas diariamente. Essas “atuações” nas quais estamos todos os dias representando “nós mesmos” já é tão “natural” que, muitas vezes, nem paramos para avaliar, já é algo feito automaticamente. Por exemplo, quando entramos numa loja, automaticamente somos vistos pelo vendedor como clientes. Essas “máscaras” vendedor/cliente são algo preestabelecido socialmente e informalmente, colocando os sujeitos, sem que percebam, passivamente, cumprindo papéis próprios àquele cenário.

Por isso, o lugar do qual estamos falando, não o lugar físico, mas o lugar na sociedade é de fundamental importância para entendermos os relacionamentos, porque há, em todas as culturas, comportamentos previamente estabelecidos para cada função desempenhada. Esses comportamentos pré-definidos podem mudar de acordo com o país, estado, cidade, mas temos algo na cultura que nos diz mais ou menos o que fazer em cada situação.

Pensando em nosso contexto social (Brasil/Nordeste/Paraíba), salvo raras exceções, seria de extrema grosseria se gargalhássemos num velório, ou arrotássemos alto numa refeição em meio público. Há países em que arrotar após a refeição é honrar o anfitrião que ofereceu a refeição, pois é sinal de que a comida estava saborosa e a pessoa ficou satisfeita.

Com relação ao conceito de face, basicamente, podemos dizer que a face é a identidade social do sujeito, sua representação frente ao mundo. Para usar uma definição do próprio Goffman (1967, p. 5) temos que:

O valor social positivo que uma pessoa efetivamente requer para si mesma pela linha que outros assumem e tem sido tomada em um contato particular. Face é uma imagem de si delimitada in termos de aprovação pelos atributos sociais – apesar de poder ser uma imagem que outros podem compartilhar, como quando um personagem faz uma boa apresentação de sua profissão ou religião por ter feito uma boa apresentação por si mesma.⁸

Em torno da questão social há o termo *estigma*. O estigma é uma marca gerada em torno do sujeito, sinalizando que há algo que diferencia este sujeito dos

⁸ [...] the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. Face is an image of self delineated in terms of approved social attributes — albeit an image that others may share, as when a person makes a good showing for his profession or religion by making a good showing for himself.

demais em seu entorno, como um sinal que o distingue, geralmente algo pejorativo, que o põe em posição inferior aos dos indivíduos considerados normais.

Segundo Goffman (1980, p. 11), o estigma é “atualmente usado de uma maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à evidência corporal”.

Neste trecho temos a informação de que o estigma, hoje em dia, não é o mesmo que o considerado pelos gregos, uma marca física feita propositalmente como sinal de que aquele indivíduo havia feito algo socialmente reprovável (cometido um crime), mas, sim, a desonra social sofrida pelo indivíduo. Podemos então relacionar este estigma à perda da face que surgirá mais à frente na Teoria da Polidez.

Algo que corrobora com essa afirmação é que Goffman nos diz, em sua obra *Interaction Ritual – Essays on Face-to-Face Behaviour* (1967), que nossos sentimentos estão atrelados às nossas faces. Dentro dessa lógica, de que nossos sentimentos estão ligados às faces, é que podemos dizer que quando há uma perda da face, há um constrangimento íntimo da pessoa que teve a face perdida.

É por isso, também, que há a afirmação de que a polidez é sobre a preservação da face do outro numa interação e que fazemos isso para que nossa própria face não seja atingida. Há também o pressuposto de que numa interação, espera-se que o interlocutor, por estar sendo respeitado, busque também respeitar o seu par envolvido na relação. Sobre isso, falaremos no próximo subtópico.

1.3.1 Estratégias de preservação das faces

No senso comum, há várias metáforas que remetem ao termo face como uma representação social, por exemplo, “não saber onde meter a cara” quando se é envergonhado ou “ser cara de pau” quando não avalia se o que vai falar ou causa vexame, entre outras.

Para Brown e Levinson, a face é constituída sobre dois aspectos relacionados: o positivo e o negativo. Portanto, em toda a interação temos, no mínimo, quatro faces envolvidas, pois cada interactante possui duas faces, uma positiva e outra negativa. A face positiva é aquela que deseja ser aceita pelos outros, é a face que mostramos ao mundo. A face negativa, por sua vez, é a nossa

intimidade, é a que quer ser livre de imposições ou julgamentos (Cf. O'KEEFFE *et al*, 2011).

Para clarear ainda mais a noção de qual seja a Face Positiva e a Face Negativa, temos a explanação de Dominique Maingueneau, em *Pragmática para o discurso literário* (1996, p. 128) “Na vida em sociedade, todos tentam defender seu território (chamado de *Face Negativa*) e valorizar, fazer com que os outros reconheçam e apreciem a qualidade de sua própria imagem (*Face Positiva*)”.

A Teoria da Polidez busca investigar se e *como* as pessoas cooperam entre si. As estratégias servem justamente para observarmos de forma mais precisa como as pessoas negociam as faces. Sim, trata-se de uma negociação, pois como nos afirma Maingueneau (1996, p. 128) “este objetivo pode ser egoísta, porém só pode ser atingido quando se poupam as faces negativas e positivas do outro: quando se agride alguém, ele não terá uma imagem muito positiva de você.” Percebemos, assim, que é uma via de mão dupla e que os interactantes estão constantemente, a cada movimento, assim como no xadrez, buscando sempre esse equilíbrio, pois defender o território alheio é defender o seu próprio.

Em seus estudos, Stephen Levinson e Penelope Brown notaram alguns padrões de comportamento nas pessoas. A partir desses padrões, eles definiram algumas estratégias para que não se agredisse a face alheia, mantendo a polidez, evitando que se cause constrangimento para o interactante.

As estratégias são modos/maneiras de se fazer determinada tarefa. No caso das estratégias de preservação das faces, a “tarefa”, o objetivo principal que se pretende alcançar é a preservação das faces, ambas as faces (positiva e negativa) de ambos os interactantes. Brown e Levinson também afirmam que em nosso cotidiano agimos como se as necessidades de nossa face (aceitação e independência) fossem ser respeitadas e que as *estratégias de preservação das faces* contemplam essas necessidades.

Na teoria, também encontramos a noção de *Face Threatening Acts* (FTA) ou *Atos de ameaça à Face* que, como o próprio nome diz, refere-se à uma situação que põe em risco esse equilíbrio buscado. Brown e Levinson viam a Polidez como um sistema complexo para, justamente, se evitar acontecimentos dessa natureza. (Cf. O'KEEFFE *et al*, 2011, p. 64).

A Polidez Positiva é aquela que se refere à face positiva. A face positiva requer para si a aceitação, o enaltecimento daquelas características que procura

passar, como vimos anteriormente. Essa face também precisa de proximidade com seu interactante, então, nas estratégias de preservação da face positiva há a intenção de “diminuir a distância social” (Cf. O’KEEFFE *et al*, 2011).

O’Keeffe *et al* (2011, p. 66-69) nos fornece uma tabela com 15 (quinze) estratégias para evitar ameaça à face positiva e 10 (dez) para evitar ameaças à face negativa. Abaixo, fizemos uma tradução dessas tabelas e iremos apresentá-las em lista e logo em seguida comentar brevemente cada uma delas, sempre que possível. Lembrando que apenas as estratégias estão na tabela original, os comentários ao lado de cada estratégia são nossos, baseados nos estudos feitos.

A primeira lista mostra-nos estratégias que, quando utilizadas, amenizam a ameaça à face positiva do ouvinte. Ao lado de cada estratégia buscamos trazer uma breve explicação. Por se tratar de face positiva, podemos chamá-la de polidez positiva. Quando tratamos alguém de maneira a quebrar alguma destas estratégias, dizemos que a face do outro foi ameaçada.

Quinze Estratégias de preservação da face positiva:

1. Preste atenção nos interesses do “ouvinte”, suas necessidades e desejos – mostre que está atento ao que está sendo dito.
2. Exagere o interesse, aprove e gere simpatia com o ouvinte – na mesma linha da estratégia anterior, para ganhar confiança e gerar simpatia no ouvinte, dê evidencias claras de que está interessado no que este está falando.
3. Exagere e dê efeito dramático em seu discurso com o objetivo de interessar e envolver o ouvinte – quando estiver falando, procure atrair a atenção do ouvinte para envolvê-lo.
4. Use marcas de identidade de grupo – Use marcas como o “nós”. Busque pontos em comum com o ouvinte para criar um campo familiar entre si e o outro.
5. Procure entrar em acordo, fazer falas curtas – Use confirmações de que está atento como “sim, eu concordo”, “sim, continue”, “interessante”, “desenvolva”, dão um ar de interesse.
6. Evite desacordo – evite “bater de frente”, quando for discordar, há estratégias que ensinam a fazer isto sem ofender, como veremos mais adiante.

7. Encontre um campo comum – procure pontos em comum que te liguem ao ouvinte, como por exemplo, ter feito parte de um mesmo grupo, torcer para o mesmo time, assistir a mesma novela.
8. Faça piadas (brinque) – para dar um ar de descontração para que o ouvinte se sinta confortável, envolvido.
9. Afirme e sugira conhecimento de e concernente aos desejos do ouvinte – palavras como “eu compreendo”, “eu te entendo”.
10. Ofereça, prometa – este oferecer e prometer no momento da fala indica que deve ser criado um elo de confiança. Este prometer implica em algo futuro e metafórico, não necessariamente a pessoa vá cumpri-las posteriormente. Como por exemplo, expressões como “serei eternamente grato”, “eu ficaria muito feliz se você fizesse isto”.
11. Seja otimista – seja otimista usando expressões positivas como o “sim”, “eu concordo”, “é mesmo”. É falar na forma afirmativa. Não é necessariamente ser otimista no sentido de dizer que tudo vai dar certo.
12. Use formas inclusivas como o “nós” – aqui se refere às palavras em si. “nós”, “a gente”, “nos”.
13. Dê ou peça razões – justifique a sua afirmação e peça para que o outro explique o porquê de sua crença, para incorrer numa possível ajuda. Exemplo: “Por que você não quer ir ao cinema comigo? Se for problema financeiro eu poderia te ajudar”.
14. Assuma ou concorde reciprocamente
15. Dê presentes (elogios) – dar presentes é elogiar, enaltecer algo de positivo no interlocutor.

O objetivo dessas estratégias é evitar que o ouvinte tenha a face ameaçada através de algum ato do falante no momento da interação. As estratégias de polidez positiva tem o intuito de aproximar os interactantes, diferentemente da polidez negativa, que tenta minimizar a ameaça à face negativa através do distanciamento. Por isso, vemos nas estratégias acima apresentadas que elas sempre têm o intuito de gerar simpatia e confiança no ouvinte, passar a sensação de familiaridade entre os interactantes. Para tal, as estratégias, aqui, seguem com um posicionamento mais positivo.

As estratégias de polidez negativa, ou de preservação da face negativa, vão num sentido oposto à da positiva, pois buscam um distanciamento entre os interactantes para evitar constrangimento à face do interactante; não leva para o lado pessoal como a polidez positiva. Veremos agora uma lista das dez estratégias que podem ser utilizadas para atenuar a ameaça à face negativa.

Dez estratégias de preservação da face negativa:

1. Seja convencionalmente indireto – por exemplo, se você acredita que o que seu interlocutor está afirmando “não condiz com a verdade” não seja direto dizendo “isto é mentira”, mas suavize sendo indireto como, por exemplo, “não tenho certeza se isso que estás falando é totalmente verdadeiro”, ou “não vejo como isto não ser verdade”.
2. Questione, proteja (BEIRE) – Para suavizar a aproximação questione sem ser direto como “mas não seria...” “há de fato tal necessidade...?”
3. Seja pessimista – seja pessimista, dentro da estratégia, significa dar o maior número de oportunidades possíveis para o ouvinte negar o apelo/pedido proposto. (CF. O’Keefe et al, 2011, p. 80)
4. Minimizar a imposição – não insista. Não fique repetindo a mesma proposta.
5. Dê deferência – trate com respeito.
6. Se desculpe – peça desculpa.
7. Impessoalize
8. Adote uma perspectiva inclusiva
9. Nominalize – tem a ver com o grau de formalidade, proximidade ou distanciamento, tratar ou não pelo nome.
10. Peça ou negue débito sobre o ouvinte – nesta estratégia age-se assumindo um débito com o ouvinte ou negando a dívida do ouvinte.

Nessas estratégias da polidez negativa percebemos que se evita o uso de expressões que atinjam diretamente o ouvinte. Também trata de trazer para si a responsabilidade do ato na interação para o falante. Na contramão da primeira lista apresentada, a polidez negativa segue utilizando mais o distanciamento entre os interactantes.

2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

2.1. O CORPUS: SOBRE A AUTORA E A OBRA

Nascida em 1775 numa cidade do interior da Inglaterra, Jane Austen, filha do reverendo George Austen e de Cassandra Leigh, tinha seis irmãos e uma irmã. Vivendo em um ambiente doméstico, suas próprias experiências, que refletem a época histórica na qual viviam, serviu de inspiração para as suas obras.

Entre 1811 a 1818 foram lançados seis romances escritos por ela, sendo o primeiro *Razão e Sensibilidade* (1811), seguido de *Orgulho e Preconceito* (1813), *Mansfield park* (1814), *Emma* (1816), *A Abadia de Northanger* e *Persuasão* (1818), estes dois últimos, postumamente. Vale ressaltar que as datas de publicação não têm relação direta com a data de escrita.

Sua primeira obra publicada foi *Razão e Sensibilidade* e atraiu um grande público. Antes dessa publicação, Henry, um dos irmãos da autora, já havia tentado publicar *Orgulho e Preconceito*, que inicialmente teria o título *First impressions* (primeiras impressões) mas não obteve êxito. Após o considerável sucesso de sua primeira obra lançada, *Orgulho e Preconceito*, foi publicada como “do mesmo autor de *Razão e Sensibilidade*”. (Cf. CARDOSO, 1972 apud AUSTEN, 1972)

Todas as suas obras são protagonizadas por mulheres, o que foi uma novidade para a época. Há, inclusive, nas entrelinhas de suas obras uma crítica à questão de as mulheres serem sempre retratadas por homens.

Podemos considerar o enredo de suas obras como sendo muito simples, retratação da vida cotidiana de mulheres confinadas no lar (época que não era comum que trabalhassem), que se preocupavam com casamento. Mas, ao olharmos mais de perto suas obras, percebemos sensibilidade diante das negociações sociais e riqueza na observação das personalidades.

A obra escolhida para a análise é uma das obras mais famosas da autora, tendo adaptações cinematográficas, para seriados e servindo de inspiração para várias outras obras. Sobre a obra objeto de nossa análise, Lúcio Cardoso (1972 apud AUSTEN, 1982 p, 7) afirma:

No ano de 1813 aparece finalmente *Orgulho e preconceito*, onde é minuciosamente estudada a sociedade daquele tempo, a mediocridade dos seus tipos, o ridículo dos seus hábitos, a vaidade e a tolice de burgueses e nobres que o preconceito separava.

Assim como as outras obras da autora, *Orgulho e preconceito* se passa na zona rural inglesa, em ambientes predominantemente domésticos. O enredo começa quando sabemos que um jovem, solteiro e possuidor de uma boa fortuna se muda para Netherfield Park (propriedade na zona rural no interior da Inglaterra), atraindo a atenção de Mrs. Bennet, que tem cinco filhas solteiras, a saber, Jane, Elizabeth, Mary, Catherine e Lydia. Desde a chegada desse rapaz, a mãe dessas moças começa a intencionar casar uma das filhas. Qual não é sua surpresa quando descobre que este moço tem um amigo, em melhores condições. Daí começa o desenrolar de toda a trama, na qual todos os personagens estão envolvidos. Porém, temos como foco principal Elizabeth, segunda filha do casal e Mr. Darcy, amigo do Mr. Bingley, que é o rapaz que está se mudando para Netherfield Park.

O nome da obra é emblemático, porque percebemos o orgulho e o preconceito dos personagens centrais, Elizabeth e Darcy. Há também outros personagens que serão vistos na análise como Mr. Collins, Lady Catherine, e Mr. Bennet.

2.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DO TRABALHO

Para o presente trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica na qual conhecemos um pouco do surgimento e desenvolvimento nos estudos sobre a linguagem humana até chegarmos ao nascimento da linguística moderna, que foi nos apresentada na primeira seção. Ainda na primeira seção definimos o conceito de Pragmática com a qual trabalhamos e os conceitos de modelos de contextos e sua importância para a Pragmática. Também realizamos um levantamento bibliográfico na Teoria da Polidez aqui apresentada. Utilizamos para este trabalho o conceito de Polidez, bem como as estratégias de preservação das faces, desenvolvidos pelos autores Penelope Brown e Stephen Levinson, mas apresentados por outros autores devido à falta de fontes diretas. Para o conceito de face utilizamos o próprio Erving Goffman.

A análise da obra citada nessa seção se dá de forma qualitativa, tendo cunho interpretativista, sendo analisada à luz da Teoria da Polidez, também apresentada na seção anterior. Buscamos verificar através da análise se os personagens utilizam ou quebram as estratégias de polidez. Em seguida verificamos

quais foram as situações e por quais personagens as estratégias foram usadas ou quebradas e em que isto implica. Os diálogos no romance são extensos, por isso, para este trabalho, achamos por bem colocarmos trechos dos diálogos escolhidos e trazer as informações dos trechos suprimidos, como veremos mais adiante na análise.

3 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ EM TRECHOS DO LIVRO ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN

Após termos sido apresentados à Teoria da Polidez e as Estratégias de Preservação das Faces veremos a seguir a análise em si, bem como as considerações tecidas sobre a mesma.

A fim de proceder à análise, sempre veremos o contexto em que o diálogo ocorre, por exemplo, características da personalidade do personagem, local, situação, o que nos permitirá atribuir, mais claramente, um significado para determinada fala, pois, como vimos no primeiro capítulo de nosso trabalho, a Pragmática leva em consideração não apenas o que os interlocutores dizem, mas o contexto em que eles o fazem.

3.1 CENA 01 – O PEDIDO DE CASAMENTO DE MR. COLLINS À ELIZABETH

Há uma cena muito importante no capítulo XIX do romance, protagonizada pela Miss Elizabeth Bennet, segunda filha do casal Bennet e seu primo Mr. Collins. A cena é o pedido de casamento de Mr. Collins, que decide tomar uma das primas como esposa como forma de compensar a família pela perda da propriedade quando seu patriarca viesse a falecer. Temos, na cena, uma situação delicada por natureza. Primeiro, por ser um pedido de casamento e, mais ainda, por causa das circunstâncias acima citadas. Lembremos que, na época, o casamento significava segurança social para a mulher e não poderia/deveria de forma alguma ser rejeitado. Veremos então como as personagens lidam com essa situação delicada.

— Acredite, minha cara Miss Elizabeth, que a sua modéstia, longe de prejudicá-la, **acrescenta mais uma às suas outras perfeições**. A senhora teria sido menos adorável aos meus olhos se não tivesse havido essa pequena **resistência**. No entanto, permita que lhe assegure que **tenho a permissão da sua respeitável mãe para este empreendimento**. A senhora **difícilmente poderá ignorar o verdadeiro sentido das minhas palavras**. No entanto, **a sua natural delicadeza pode levá-la a dissimular**. **As minhas atenções foram marcadas demais para serem mal compreendidas. Quase desde o primeiro momento em que entrei nesta casa escolhi-a para companheira da minha vida futura**. Antes de me deixar levar pelos meus sentimentos a este respeito, talvez convenha dizer-lhe as razões que tenho para me casar e além disso os motivos que me trouxeram ao Hertfordshire com o propósito de escolher uma esposa. (AUSTEN, 1982, p,100, grifo nosso)

Temos, nesse trecho, uma breve introdução ao diálogo e já percebemos Mr. Collins enaltecendo a face positiva de Miss Elizabeth através de elogios como “sua modéstia acrescenta mais uma às suas outras perfeições” e “a senhora teria sido menos adorável aos meus olhos se não tivesse havido essa pequena resistência”. A pequena resistência a qual se refere é que anteriormente a sua fala, quando Mr. Collins pede para falar a sós com Elizabeth, ela resiste dizendo que ele poderia falar com sua mãe presente, já desconfiando do que se tratava. Esses elogios cumprem com a estratégia “dê presentes” que é elogiar. Em contrapartida, a afirmação “quase desde o primeiro momento em que entrei nesta casa escolhi-a para companheira da minha vida futura” já impõe algo à Elizabeth, ameaçando sua face negativa, pois ele ainda não sabe sua resposta.

Lembre-mo-nos que todo pedido é uma exposição da face de quem o faz, pois é um ato que abre a possibilidade de ser rejeitado, como nos diz Maingueneau (1996, p, 128) “Dirigir-se a alguém, dar-lhe uma ordem, interrompê-lo... tudo isso são incursões em seu território”. Portanto, essas ocasiões tornam-se delicadas, tanto para quem faz o convite, quanto para quem o recebe. Por isso, a Teoria da Polidez recomenda que, ao fazer um convite ou pedido, utilize-se a estratégia *seja pessimista*, que significa: dê o máximo de possibilidades para que seu interactante negue seu pedido. Vemos que Mr. Collins não utiliza essa estratégia, pois fala como se já tivesse sido aceito e, ainda, traz a voz da mãe de sua interactante em “tenho a permissão da sua respeitável mãe para este empreendimento” como uma voz de autoridade, para validar ainda mais o seu pedido e fazer com que ele seja aceito.

Depois desse trecho, Mr. Collins dá as razões pelas quais quer casar-se, que são: acreditar que o casamento é uma obrigação de todos os pastores e de alguém numa situação de vida favorável, porque o fará feliz e porque foi uma recomendação de Lady Catherine de Bourgh, sua tutora. Então, continua com o pedido no trecho seguinte:

E agora nada me resta senão lhe exprimir, na linguagem mais apaixonada, a violência da minha afeição. **Sou perfeitamente indiferente à fortuna e não farei nenhuma exigência dessa natureza a seu pai, pois sei perfeitamente que ela não poderia ser atendida. Sei também que as mil libras a quatro por cento, que só serão suas depois da morte de sua mãe, são tudo a que a minha prima tem direito.** Sobre esse assunto, portanto, eu me conservarei silencioso. **Pode ficar certa de que nenhuma observação pouco generosa atravessará os meus lábios depois que nos casarmos.** (AUSTEN, 1982, p. 102, grifo nosso)

Esse trecho é importante porque exprime algo peculiar: Mr. Collins lembra a Elizabeth sua situação financeira desfavorável que, embora seja verdadeira, acaba causando constrangimento à face negativa de Elizabeth, pois revela uma fragilidade de sua interactante. Isso nos mostra uma contradição, no caso. A contradição habita no fato de que ele quer se mostrar generoso (enaltecer sua própria face), dizendo que não falará sobre dinheiro com ela, mas, ao fazer isso, ele exprime de forma indireta que ela está numa situação financeira inferior, atacando a face de Elizabeth.

No próximo recorte, apresentaremos a resposta de Elizabeth ao pedido:

Tornava-se agora absolutamente necessário interrompê-lo.
 — O senhor está se precipitando — exclamou Elizabeth. — Esquece que ainda não lhe dei uma resposta. É o que vou fazer, sem mais perda de tempo: **aceite os meus agradecimentos pela honra que está me dando. Creia que o aprecio devidamente, mas é-me impossível fazer outra coisa senão recusar.** (AUSTEN, 1982, p. 102, grifo nosso)

Elizabeth, aqui, faz uma primeira tentativa de recusar o pedido. Ela, ao agradecer o pedido e dizer que é uma honra e que aprecia o Mr. Collins, está adotando uma perspectiva *otimista*, pois está reforçando pontos positivos de seu ouvinte. Após Mr. Collins dizer que a recusa de Elizabeth era uma estratégia de estímulo que as moças costumavam usar, ela responde novamente dizendo:

— Digo-lhe sinceramente — exclamou Elizabeth — que a sua esperança me parece extraordinária depois da minha declaração. Asseguro-lhe que não sou dessas moças, se é que existem, que cometem a ousadia de arriscar a sua felicidade confiando nas possibilidades de um segundo pedido. **Minha recusa é perfeitamente séria.** O senhor não me poderia tornar feliz. **E estou convencida de que sou a última mulher do mundo capaz de fazê-lo feliz.** Creio até que se a sua amiga Lady Catherine me conhecesse **me acharia sob todos esses aspectos mal qualificada para essa situação.** (AUSTEN, 1982, p. 102, grifo nosso)

Quando Elizabeth declara “sou a última mulher do mundo capaz de fazê-lo feliz”, ela está usando da estratégia *dê ou peça razões*, ela está justificando sua recusa, o que atenuaria a ameaça da face positiva de seu interlocutor, ao mesmo tempo em que está usando uma estratégia de preservação da face negativa que diz: *seja convencionalmente indireto*, pois ela adota uma perspectiva *que busca/mostra*

entender a necessidade de seu ouvinte, declarando que não serviria para esta função de fazê-lo feliz como sua esposa. Observemos que tal atitude traz para si a responsabilidade de não adequação, livrando seu interactante de alguma possível falta. Vale ressaltar aqui o que diz Maingueneau (1996) que nessa negociação das faces é necessário, por vezes, diminuir sua própria face e enaltecer a do outro.

Essas mesmas asserções são válidas para a declaração “Creio até que se a sua amiga Lady Catherine me conhecesse me acharia sob todos esses aspectos mal qualificada para essa situação”, pois ela também entende o desejo dele em agradar sua tutora e se declara novamente não adequada para tal.

Portanto, percebemos que Elizabeth, mesmo negando o pedido de Mr. Collins, o faz usando de estratégias de polidez, sendo otimista, dando razões, enquanto ele quebra as estratégias que atenuariam a ameaça à face negativa como *a seja pessimista e minimize a imposição*.

Após vermos essas passagens, fica explícito que Mr. Collins, apesar de demonstrar um comportamento sempre polido nas demais ocasiões, aqui, se comporta de forma quase autoritária. Dentro do contexto social da época em que é retratado o romance, que é a mesma em que a autora viveu, o casamento, como antes dito, é algo visto como necessidade social. E é partindo desse pressuposto que assumimos que Mr. Collins jamais esperaria uma recusa de seu pedido, pois como ele próprio fala, Elizabeth se encontra em estado vulnerável.

Ela, por se encontrar num patamar, digamos que, mais baixo, por ser mulher e também por não possuir fortuna, age de forma a atenuar a situação, reconhecendo que sabe as convenções sociais, porém sem se deixar dominar por elas. Reconhece seu lugar, sem, contudo, cumpri-lo de forma a estragar sua felicidade, pois acredita que um casamento só trará felicidade a ambos os cônjuges se houver um real sentimento entre eles.

Elizabeth utiliza-se da polidez linguística. Entretanto, vemos que do ponto de vista social da época, ela rompe com uma tradição, quase lei social, que poderia por em risco sua vida no futuro, mas em termos de escolha linguística ela o faz de maneira polida. Enquanto ele, por se sentir autoridade, por ser homem e estar num patamar social financeiramente privilegiado, age de forma prepotente, não utilizando de polidez na fala. Por se sentir humilhado por ter sido recusado, por não esperar esta reação, Mr. Collins acaba tomando uma posição que destrata a sua

interlocutora, as faces tanto positiva quanto negativa de Elizabeth, ou seja, tornando-se impolido.

3.2 CENA 02 – MR. BENNET INTERFERE NA APRESENTAÇÃO DE SUA FILHA MARY

Há uma cena na qual Miss Mary Bennet, irmã de Elizabeth, está tocando piano e seu pai quer impedi-la de prosseguir, pois ela está “se expondo ao ridículo”, por estar tocando e cantando mal. Veremos uma pequena fala na qual o pai a repreende de forma polida.

Elizabeth olhou para o pai, a fim de suplicar a sua interferência, caso Mary se propusesse cantar a noite inteira. Ele compreendeu o gesto e quando Mary acabou de cantar pela segunda vez, disse, em voz alta:

— Isto basta, minha filha. Você cantou muito bem e nos deleitou a todos. Agora deixe as outras moças brilharem.

Mary, embora fingisse não ouvir, ficou um tanto perturbada. Elizabeth, penalizada por ela e descontente com a sem-cerimônia do pai, teve medo de que a sua ansiedade tivesse sido inútil. Outras moças foram convidadas. (AUSTEN, 1982, p. 96, grifo nosso)

Com “Você cantou muito bem e nos deleitou a todos”, o pai está utilizando a estratégia “Dê presente”, elogiando-a por seu desempenho, o que evita ameaça à face positiva. E com “agora deixe as outras moças brilharem” ele é convencionalmente indireto, não pede que ela saia imediatamente, minimizando a imposição. Ambas as estratégias evitam ameaça à face negativa. Em contrapartida, temos a reação de Elizabeth, achando que o pai foi “sem cerimônia” por ter feito isso às vistas dos demais. Mas, ele o fez utilizando-se das estratégias de polidez, portanto, para a teoria, ele foi polido no pedido.

3.3 CENA 03 – O PEDIDO DE CASAMENTO DE MR. DARCY À ELIZABETH

Miss Elizabeth Bennet é pedida em casamento por Mr. Darcy pela primeira vez. Nesta cena (capítulo XXXIV), há uma discussão e são expostas questões pessoais de ambos. Tendo em vista que é um longo diálogo, trarei partes deles que são de fundamental importância para a compreensão de como se desenvolve a cena e o porquê de alguns ataques. No momento da cena, Elizabeth está sozinha em casa de parentes quando Mr. Darcy chega e, após uma breve conversa habitual,

declara-se. Entretanto, ele o faz revelando não apenas seus sentimentos, mas explica sua relutância em aceitá-los devido alguns motivos que são explicados de maneira indireta pelo narrador.

— Em vão tenho lutado comigo mesmo; nada consegui. Meus sentimentos não podem ser reprimidos e preciso que me permita dizer-lhe que eu a admiro e amo ardentemente

Falou bem, mas através das suas palavras outros sentimentos, além dos do coração, podiam ser percebidos. E ele não falava com mais eloquência da sua ternura do que do seu orgulho.

O sentimento da inferioridade de Elizabeth, do rebaixamento que aquele amor constituía, os obstáculos de família que a razão sempre opusera à inclinação, foram descritos com um ardor que parecia devido ao seu amor-próprio ferido, mas que recomendava muito pouco as suas pretensões. (AUSTEN, 1982, p.171, grifo nosso)

Ele declara-se para ela, no entanto, ressalta as qualidades negativas como o status social de sua família, que seria algo que o diminuiria, recaindo numa ofensa. Em seguida, diz que tem esperança que seu sentimento será retribuído. A isto Elizabeth responde:

— **Em casos como este creio que é costume estabelecido exprimir a nossa gratidão pelos sentimentos que nos são confessados,** embora esses sentimentos não possam ser retribuídos. É natural que essa gratidão seja sentida. **E se a experimentasse agora eu lhe agradeceria.** Mas não posso desejar e nunca desejei a sua boa opinião, e, aliás, o senhor a confere a mim contra a vontade. **Sinto muito ter de causar decepção a qualquer pessoa, não o faço de propósito, entretanto espero que ela seja de curta duração.** Os sentimentos que, segundo o senhor me disse, o impediram durante muito tempo de reconhecer a sua afeição hão de socorrê-lo facilmente depois da presente explicação. (AUSTEN, 1982, p.171, grifo nosso)

Elizabeth, ao negar o pedido de Mr. Darcy, mostra conhecimento do que se deve fazer, explica-se sobre ter de ser grata, que entende os sentimentos dele, se desculpa. Ela foi convencionalmente indireta, não ferindo a face negativa dele. Também se desculpa por “causar decepção ao seu ouvinte” e deseja que essa decepção seja de curta duração. No primeiro caso, ela está *impessoalizando* (fazendo uma generalização) como forma de minimizar a ameaça de face negativa de seu interlocutor.

Na fala seguinte, Mr. Darcy questiona Elizabeth sobre o porquê dela não aceitar o seu pedido de casamento de forma indireta, dizendo: “desejaria talvez que me informasse porque sou assim rejeitado...” deixando a cargo de sua interlocutora

responder ou não, isto é, utiliza-se da estratégia *seja pessimista*, mas faz uma breve acusação, diz que Elizabeth foi sem cerimônia.

— E esta é a única resposta a que eu tinha direito e com a qual tenho de me contentar! **Desejaria talvez que me informasse por que sou assim rejeitado, sem a menor tentativa de cortesia da sua parte. Mas isto tem pouca importância.**

— **Por minha vez, eu poderia perguntar** — replicou ela — **por que, com o intuito tão evidente de me ofender e de insultar, o senhor resolveu dizer que gostava de mim contra a sua vontade, contra a sua razão e mesmo contra o seu caráter.** Não é escusa suficiente para a minha falta de cortesia? Se é que realmente cometi essa falta... Mas tenho outros motivos para me sentir ferida [...] (AUSTEN, 1982, p. 172, grifo nosso)

Por sua vez, Elizabeth faz o mesmo, questiona de forma indireta e ao mesmo tempo o acusa de tê-la insultado. O diálogo segue então com eles falando sobre suas impressões um do outro e de suas condutas. Até que chegam no momento em que Elizabeth rejeita, definitivamente, o pedido:

— Posso dizer que desde o princípio, desde o primeiro instante quase em que o conheci, as suas maneiras me convenceram de que era um homem **arrogante, pretensioso**, e de que tinha a maior **indiferença** pelos sentimentos dos outros. Esta impressão foi tão profunda que constituiu, por assim dizer, o alicerce sobre o qual os acontecimentos subseqüentes elevaram uma **indestrutível antipatia**; e talvez menos de um mês depois de conhecê-lo estava convencida de **que o senhor seria o último homem no mundo com o qual eu me casaria.** (AUSTEN, 1982, p.174, grifo nosso)

Dessa vez, Elizabeth fala bem claramente sobre sua opinião em relação ao seu interlocutor e utiliza-se de adjetivos pejorativos (destacados no trecho). No final, declara de maneira ostensiva “o senhor seria o último homem no mundo com o qual eu me casaria”. Dessa forma, ela acaba sendo direta demais, quebrando a polidez negativa e ferindo a face negativa dele.

— Não precisa acrescentar mais nada — disse Darcy. — **Compreendo perfeitamente os seus sentimentos**, e nada me resta senão me envergonhar dos meus. **Perdoe-me** ter tomado o seu precioso tempo, e aceite os meus mais sinceros votos de felicidade. (AUSTEN, 1982, p.174, grifo nosso)

Ao desculpar-se antes de ir embora, ele utiliza-se da estratégia *se desculpe*, amenizando a ameaça à face negativa da interlocutora. Ao fazer isso, ele mostra

(além de ter dito) que de fato deu atenção às necessidades da ouvinte, sendo positivamente polido.

Como vimos na sessão de contexto, os contextos têm início na subjetividade do sujeito, que tem uma mente que gera padronizações que por sua vez estão acopladas as categorizações sociais. Nesse caso, vemos um homem, que tem por característica de personalidade o orgulho, que ao longo do romance, é reconhecida socialmente e por ele próprio. Considerando-se em ótimas condições sociais e possuidor de gênio forte, muito seguro de si, juntamente com a questão de estar numa sociedade na qual a mulher precisa de um homem para a cuidar, vemos com ele algo que acontece também com o Mr. Collins, a certeza da aceitação.

Podemos então atribuir a sua fala, de maneira altiva, também uma certa falta de esforço em agradar a interlocutora, devido a certeza de ter o pedido aceito e, ao final, com o choque de não ter o pedido aceito, além de tratar a interlocutora de maneira incrédula.

Quanto à Elizabeth, mostra-se entendedor do enredo social em que se encontra, mas não deixa que esse a tome totalmente, negando um casamento ao qual julgaria infeliz ao seu contexto subjetivo. Também percebemos que em algumas passagens ela se expressa de maneira clara, direta e fala abertamente com ele sobre sua opinião sobre ele, coisa que também não seria adequado para uma moça.

3.4 CENA 04 – LADY CATHERINE VISITA ELIZABETH

Lady Catherine visita Elizabeth. Para este diálogo começamos pelo contexto. Mrs Catherine de Bourgh, ou Lady Catherine, vai à casa de Miss Elizabeth para, como veremos no diálogo adiante, pedir-lhe que não se case com seu sobrinho, Mr. Darcy, devido uma série de fatores que serão por ela explicitados no decorrer de sua fala.

Lembre-mos que Elizabeth está em sua casa, portanto, seu território, o que a deixa mais à vontade e também já coloca Lady Catherine numa situação mais delicada, pois está num lugar que não é o seu, onde não tem autoridade.

A maior parte dos relatos no livro sobre Mrs. De Bourgh vêm de Mr. Collins, que é o seu protegido e se orgulha de manter contato próximo com ela. Nos relatos dele, Lady Catherine é uma mulher agradável, atenciosa, sensível às necessidades das pessoas. Há, porém, de que ele é seu protegido e ele sempre fala num tom um

pouco bajulador. Outra parte dos relatos bastante proeminente é sobre sua fortuna, o tamanho, conforto e beleza da sua casa, e sua filha, de frágil saúde. Mas, aos olhos de Elizabeth, não havia algo além da sua fortuna que ela visse de real valor, nunca se sentiu intimidada diante de sua figura. (Cf. AUSTEN, 1982, p. 148)

Na passagem a seguir, Lady Catherine convida Elizabeth para lhe falar a sós, então, após uma ligeira conversa sobre assuntos corriqueiros, Lady Catherine revela o motivo de sua visita.

— Sei que compreende, Miss Bennet, a razão da minha viagem até aqui. Seu coração, sua consciência, devem lhe revelar por que foi que eu vim!

Elizabeth olhou para ela com sincero espanto.

— Realmente, está enganada, minha senhora. Não consigo absolutamente adivinhar o motivo da sua presença aqui.

— Miss Bennet — replicou Lady Catherine num tom irritado —, **deve compreender que eu não sou de brincadeiras. Se preferir ser pouco sincera, fique certa de que não farei o mesmo. Meu caráter é célebre pela sinceridade e franqueza.** Em num assunto de tamanha importância, como o presente, não me mostrarei diferente do que sou. Uma notícia da mais alarmante natureza chegou aos meus ouvidos, há dois dias atrás. Disseram-me não somente que a sua irmã estava às vésperas de realizar um casamento dos mais vantajosos, como também que a senhora, Miss Elizabeth, estaria provavelmente muito em breve unida ao meu sobrinho, ao meu próprio sobrinho, Mr. Darcy! E, **embora eu esteja certa de que isto é uma escandalosa falsidade, embora eu nunca tenha feito ao meu sobrinho a injúria de supor que esta notícia seja verdadeira,** resolvi imediatamente vir a este lugar a fim de lhe revelar claramente o que penso disto. (AUSTEN, 1982, p.305, grifo nosso)

Nos primeiros trechos em negrito vemos que, por três vezes, Lady Catherine afirma que será direta. Isto já aponta para uma futura ofensa da face negativa de Elizabeth, quebrando a estratégia de polidez negativa (de face negativa) que diz “seja convencionalmente indireto” e de “minimize a imposição”.

No segundo trecho em negrito, as afirmações “embora eu esteja certa [...]” e “Injúria de supor que seja verdade” refere-se à notícia, que julga ser falsa, de que seu sobrinho poderia vir a contrair matrimônio com sua interlocutora, o que a seus olhos seria uma falta grave. Isso implica dizer que sua interlocutora seria uma má escolha por parte dele, o que seria uma ofensa à Elizabeth.

O diálogo prossegue com a resposta de Elizabeth (trecho abaixo) em forma de pergunta indireta, pois não faz afirmativas inconvenientes à sua interlocutora, mas procura beirar o assunto. Ela poderia, por exemplo, dizer “se a senhora acha que é mentira, então está fazendo o que aqui?”, mas ela questiona de forma indireta

e trazendo para si a responsabilidade quando fala “não compreendo por que se deu ao trabalho de vir de tão longe”.

— Se a senhora acha impossível que a notícia seja verdadeira — disse Elizabeth, corando de espanto e desdém —, **não compreendo por que se deu ao trabalho de vir de tão longe. Que pretende, Lady Catherine, com isto?**

— **Insistir** exatamente para que tal notícia seja universalmente desmentida. (AUSTEN, 1982, p,305, grifo nosso)

A resposta de Lady Catherine já começa levando a uma situação que poderá trazer tensão, por estar requerendo algo. Notem que ela não diz algo como “pedir”, mas “insistir”, o que pode causar constrangimento da face negativa de Elizabeth. E com a afirmação “desmentida”, ela pressupõe que houve uma mentira, se não da parte da própria Elizabeth, da parte de alguém próximo ou da família.

— **Se esta notícia realmente existe** — respondeu Elizabeth, friamente —, o fato de a senhora vir a Longbourn para me visitar, e à minha família, constituiria antes uma confirmação.

— Sim! **Pretende então ignorar a notícia?** Não foi ela posta astutamente em circulação pela sua própria família? Não sabe que este boato corre por aí? (AUSTEN, 1982, p,305, grifo nosso)

Vemos nesse pequeno trecho que Elizabeth, ao perguntar à Lady Catherine sobre a motivação da visita, retoma a questão da notícia indiretamente, marcada com o “se esta notícia realmente existe”. Por sua vez Lady Catherine responde diretamente com um “sim” e faz uma pergunta bem direta “Pretende então ignorar a notícia?” Com esta pergunta direta e a próxima que faz ela quase condena sua interactante de ignorância sobre os fatos.

— Nunca ouvi falar em tal coisa.

— E pode declarar igualmente que não existe fundamento para ele?

— Não tenho a pretensão de ter a mesma franqueza, Lady Catherine. A senhora pode fazer perguntas a que eu prefiro não responder.

(AUSTEN, 1982, p,305)

Ao afirmar que “não tem a pretensão de ter a mesma franqueza” e dizer que sua interlocutora “pode vir a fazer perguntas que ela preferirá não responder”,

Elizabeth está sendo “convencionalmente indireta”, tentando proteger sua face de uma futura ameaça da face negativa, tendo que responder algo que não quer e também evitando mentir.

— Isto é insuportável. Miss Bennet, **exijo** que me responda. Meu sobrinho lhe fez alguma proposta de casamento? (AUSTEN, 1982, p,305, grifo nosso)

Exigir quebra a polidez negativa de ser pessimista e de minimizar imposição, portanto, Lady Catherine não está sendo polida. Quanto à face positiva, também quebra princípios como procurar entrar em acordo e evitar desacordo.

— Vossa Senhoria mesma declarou que isto era impossível.

— Deve ser. É evidente, a menos que ele não esteja no uso da razão. Mas **os seus artifícios e astúcias** o podem ter levado a esquecer, num momento de fraqueza, o que ele deve a si próprio e a toda a sua família. **É possível que o tenha seduzido.**

— Se o fiz, serei a última pessoa a confessá-lo.

— **Miss Bennet, sabe quem eu sou?** Não estou acostumada a que me falem nesse tom. Sou quase o parente mais próximo que Mr. Darcy tem no mundo. **E tenho direito de estar a par dos seus negócios mais íntimos.**

— **Mas não tem esse direito quanto aos meus. E com a sua atitude jamais conseguirá que me torne mais explícita.**

— Permita que eu fale- mais claramente: **esse casamento que tem a pretensão de ambicionar nunca se realizará.** Mr. Darcy está noivo da minha filha. E agora, que tem a dizer?

— **Apenas isto: que sendo este o caso não precisa temer que ele me venha fazer uma proposta.** (AUSTEN, 1982, p,306, grifo nosso)

Nesse trecho, continuando o diálogo, na primeira fala de Lady Catherine temos explicitamente uma acusação contra Elizabeth, dizendo que ela usou de artifícios de sedução para seduzir o seu sobrinho. Elizabeth responde de forma a ser indireta (se o fiz), mas em seguida com “serei a última a confessá-lo” ela está negando-se a entrar em acordo, entender as necessidades de sua ouvinte.

Em seguida, temos Lady Catherine requerendo para si o direito de saber sobre a vida do sobrinho. A isso, Elizabeth responde que a interlocutora não tem esse mesmo direito quanto a si. Respondendo dessa maneira, ela não está, teoricamente, “cooperando” com sua interlocutora, não está dando atenção as necessidades de sua ouvinte, deixando de atender seus pedidos, quebrando assim a polidez positiva. Esse diálogo continua com Lady Catherine insistindo que Elizabeth negue qualquer pedido que Mr. Darcy venha a fazer e dizendo os motivos

pelos quais ela julga inadequada tal união. Elizabeth, por sua vez, continua respondendo de forma indireta, mas negando as necessidades de sua interlocutora.

Portanto, vemos que nesse diálogo está evidenciada a falta de polidez positiva e a quebra de alguns princípios de polidez negativa, o que implica dizer que ambas não cooperaram entre si e têm a face negativa atingida por causa da falta de polidez.

Dentro do contexto das personagens, Lady Catherine está num nível socioeconômico mais alto que o de sua interactante. Ela mesma diz que não está acostumada que não a obedeçam. Já Elizabeth, é mais jovem que Lady Catherine, e pela premissa social deve respeitar os mais velhos, ao mesmo tempo, as condições econômicas são menores. Portanto, Lady Catherine, por estar acostumada a ter os desejos atendidos, age naturalmente como se estivesse dando ordens a uma empregada. Já Elizabeth, apesar de jovem, é determinada e não aceita que Lady Catherine a ameace ou constranja a fazer o que não quer.

Vemos então, primeiro, o fator social e financeiro pesando nas atitudes de Lady Catherine. Também podemos ver a questão da idade de ambas, uma mais jovem e a outra mais velha. Outro fator, por si só complexo, é que Elizabeth encontra-se em sua casa, tendo o seu território invadido.

Após analisarmos esse e outros trechos, percebemos que um fator que parece ter influenciado na ação e, portanto, escolha linguística das personagens foi, em primeiro lugar, o fator socioeconômico, seguido do caráter da própria personagem. Também podemos observar que, na maioria das vezes, dos momentos aqui apresentados, as personagens sempre tinham consciência de sua ação, de sua própria face, tanto é que, Mr. Collins, por ser homem e saber que não se rejeita pedido de casamento, fica surpreso ao ser rejeitado, o que gera incredulidade de sua parte, apesar da interlocutora ter utilizado de estratégias de polidez. O mesmo se aplica a Lady Catherine, acostumada a ser obedecida e servida todo o tempo, surpreende-se por ter sido confrontada, gerando insatisfação. O mesmo para Darcy, que fala sobre sentimentos, mas que, em primeiro lugar, coloca sua certeza de que vai ser aceito acima das possibilidades da situação. Um fator importante da polidez é, justamente, perceber o momento, pois os contextos são dinâmicos e é necessário estar sensível à face do outro diante da mudança inesperada e, então, fazer uma escolha linguística para cada situação enfrentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, vimos uma breve trajetória de como se desenvolveram os estudos da linguagem humana. Vimos também um pouco sobre a Pragmática, como ramo da linguística que estuda a língua do ponto de vista das relações entre seus usuários. Vimos também Polidez, de acordo com Brown e Levinson (1987), apresentado pelos autores Goffman (1967, 1975, 1980) Leroy (1971), Cutting (2008), Yule (1996) e Maingueneau (1996).

Conhecemos um pouco da autora Jane Austen e sua obra, com um olhar mais próximo de *Orgulho e Preconceito*, avaliando estratégias de polidez entre seus personagens. Não houve um estudo quantitativo como, por exemplo, quais estratégias foram mais utilizadas, ou um estudo comparativo, como quais personagens utilizaram/quebraram estratégias de polidez. Concentramo-nos na análise qualitativa de algumas passagens da obra nas quais encontramos estratégias de preservação de faces sendo utilizadas (ou quebradas) pelas personagens.

Queremos ressaltar uma dificuldade deste trabalho que foi não encontrar material mais detalhado sobre as estratégias de preservação de face. Podemos encontrar artigos e outras fontes sobre a polidez, mas nada que mostre as estratégias de forma mais detalhada. Esforçamos-nos para deixar essas estratégias mais claras possíveis em nosso trabalho. A maior parte de nosso trabalho se deu com textos em língua inglesa, daí terem sido usadas tantas citações com traduções e notas de rodapé.

Trouxemos à análise os recortes de quatro diálogos presentes na obra literária aqui analisada. No primeiro recorte, na qual Mr. Collins pede Elizabeth em casamento, evidencia-se a quebra de estratégias de polidez pelo personagem Mr. Collins tais como ser negativo, ser indireto, não respeitando também as estratégias de polidez positiva, que indicam ser atento aos desejos e necessidades de seu ouvinte. Apenas em um momento, no início do diálogo, o vemos elogiando sua interlocutora. Por outro lado, Elizabeth, sua interlocutora, utiliza mais as estratégias de polidez, sendo otimista, trazendo para si a responsabilidade de uma possível agressão à face dele (no momento que se julga inadequada para o que ele deseje

com o casamento) mostrando, assim, a consciência de entender e estar atenta as necessidades do interlocutor, como indica a polidez positiva.

O segundo recorte trazido é a passagem na qual vemos o pai de Elizabeth, Mr. Bennet, solicitando que sua filha saia do piano e deixe-o para que as outras moças também possam tocar. Ele lida com uma ocasião de possível risco à face dela utilizando estratégias de polidez positiva, como elogiá-la e ser indireto.

No terceiro recorte, passagem na qual Mr. Darcy pede Elizabeth em casamento pela primeira vez, ambos são sinceros, demonstrado seus sentimentos de forma aberta. Porém, ele fala de seus sentimentos e acoplados a esses demonstra sua vergonha de ter se apaixonado por alguém em situação social considerada inferior, o que acaba por ofender sua interlocutora. Em seu comportamento também vemos a polidez e a falta dela. Por sua vez, sua interlocutora também fala de sua opinião sobre ele, o que acaba também por ofendê-lo. Contudo, notamos maior uso dos princípios de polidez da parte dela.

Em nosso último recorte temos duas interlocutoras, Lady Catherine e Elizabeth. Evidencia-se a quebra das estratégias por parte de Lady Catherine quando ela é muito direta, insistente e exigente com sua interlocutora. Quanto a Elizabeth, também podemos observar o uso de certas estratégias, tais como, ser indireta, para evitar a ameaça à face negativa de sua ouvinte, e, em outros momentos, também verificamos a quebra, ao negar-se a cooperar com sua interlocutora.

A análise nos revelou que as estratégias de polidez foram bastantes usadas pela personagem que estava mais vulnerável socialmente, primeiro em termos socioeconômicos e, em seguida, por ser mulher e jovem. Ressaltando que o fato de ser mulher e jovem se destaca por também ser algo trazido pelo contexto social, pois a personagem, no que diz respeito ao comportamento, ainda que tenha sua subjetividade, é influenciado por uma tradição prévia, um modelo que lhe foi inculcido previamente. Percebemos também que, em contrapartida, as personagens que mais quebraram as estratégias de polidez foram as que se consideravam de maior prestígio social, seja por serem homens e em situação de poder, ou por estarem oferecendo algo quase irrecusável, ou por serem simplesmente possuidoras de fortuna, como no caso de Lady Catherine.

Essas são as principais considerações tecidas acerca dos trechos aqui analisados, sabendo que essa é uma leitura possível dentre as possibilidades de

interpretação, pois a magnitude da obra aqui explorada e da teoria aqui expostas não se esgotam.

Como este trabalho surge num contexto de licenciatura, e licenciatura numa língua estrangeira moderna, queremos ressaltar que ter noção de polidez linguística e das estratégias de preservação das faces pode contribuir de forma positiva em sala de aula. Conhecer a teoria da polidez e seus conceitos básicos como as faces e de estratégias de preservação dessas, pode levar tanto professores quanto alunos a atuarem em sala de aula de maneira a preservar a face do outro e sua própria face, utilizando-se das estratégias de polidez, melhorando assim o ambiente de aprendizado, contribuindo, portanto, com um entendimento de como se dão as relações humanas e como o uso da linguagem as afeta.

Conhecer como os contextos de uso de determinado vocabulário afeta determinada relação, contribui para uma reflexão do uso da linguagem no geral e como e como esta afeta as relações. E assim todos os sujeitos envolvidos num contexto escolar podem ser levados a refletir sobre como o uso da linguagem, as escolhas de vocabulário, por exemplo, pode influenciar no modo como se dão as relações.

Também levando em consideração que esse trabalho surge num contexto de licenciatura em língua estrangeira moderna, conhecer a teoria da polidez pode também contribuir com o processo conscientização dos alunos para a existência de regras que regem a comunicação tanto em sua língua materna quanto línguas estrangeiras. Sensibilizar quanto às situações de uso de um novo vocabulário em língua estrangeira, por exemplo, atentando para o nível de formalidade ou não requerida em determinadas situações para que assim possa se adequar melhor ao que está sendo pedido em determinado contexto.

A Polidez não é algo meramente teórico ou vivenciado apenas em circunstâncias fortuitas, mas seus conceitos e estratégias perpassam nosso cotidiano. Usamos ou quebramos as estratégias de forma, muitas vezes, despercebida. Não apenas em momentos delicados, como um pedido de casamento, conforme visto na análise, mas naturalmente em nosso dia a dia. Num atendimento num restaurante ou mesmo quando um vendedor oferece algo. Estamos sempre lidando com a face do outro e da nossa própria.

A Face não é algo que forjamos ocasionalmente, mas algo que estamos reformulando a cada momento, a cada interação, pois é através do estímulo do outra

na interação que respondemos e essa resposta nos recria. Pois a vida é dinâmica e exige que estejamos nos adequando a cada situação. Por mais que tentemos nos manter num padrão de comportamento, ao lidarmos com o outro, mediante interação, somos forçados a nos adaptar também.

Certamente a obra aqui analisada, bem como a teoria apresentada e os conceitos expostos, são demasiados profundos para serem justamente analisados em um curto trabalho acadêmico. Apontamos assim para a possibilidade de novos trabalhos que promovam a interdisciplinaridade entre áreas do conhecimento tão ricas como a Literatura e a Pragmática. Podemos sugerir, por exemplo, que se façam análises em outras obras da autora Jane Austen com a teoria aqui apresentada, ou em outras obras literárias com outras teorias da Pragmática.

Este trabalho valida sua importância por ser uma novidade, pois ainda não havia até o momento uma abordagem da obra literária aqui analisada à luz da teoria aqui abordada.

Esperamos que este trabalho contribua em meios acadêmicos com a área da Literatura, expandindo os horizontes de análise de textos literários. Que promova reflexões para além dos tecnicismos de escrita, de análise de estilos, que também são importantes, mas não são tudo. Que contribua na área dos estudos linguísticos como mais uma fonte de estudo e esclarecimento para quem desejar conhecer a teoria. Que aproxime os conceitos teóricos à vida cotidiana, como de fato, a Pragmática traz esta sensibilidade de enxergar a fala para além do dito.

Desejamos principalmente que este trabalho se expanda e frutifique na vida do leitor, de forma prática, através da identificação e análise de si, de suas faces e dos outros. Que lance um novo olhar sobre as relações humanas e assim, sobre a própria vida.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. Tradução de Lúcio Cardoso. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

CARDOSO, Lúcio. Introdução in: AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

CUTTING, Joan. **Pragmatics and discourse**. Great Britain: British Library, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Interection Ritual - Essays on Face-to-Face works**. London: Cox & Wyman, 1967.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: vozes, 1975.

_____. **Estigma**. Tradução de Márcia Nunes. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

LEROY, Maurice. **As grandes correntes da linguística moderna**. Tradução de Izidoro Blinkstein, José paulo paes e Frederico P. de Barros. São Paulo: Cultrix, 1971.

MAINGUENEAU, Dominique. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

O'KEEFFE, Anne; CLANCY, Brian.; ADOLPHS, Svenja. **Introducing pragmatics in use**. Abingdon: Taylor & Francis e-Library, 2011.

THOMAS, James. A. **Meaning in interaction – an introduction to pragmatics**. New York: Routledge, 2013.

VAN DIJK, A. Teun, **Discurso e contexto**. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Editora Contexto, 2012

YULE, George. **Pragmatics**. Oxford: Oxford University Press, 1996.